

LIVRO RESENHADO:  
HALL, STUART. NASCIMENTO E MORTE DO SUJEITO MODERNO. IN: \_\_\_\_\_.  
*A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS- MODERNIDADE*. 11 ED. RIO DE  
JANEIRO: DP&A, 2006. PP 23-46

## REFLETINDO O SUJEITO

Kelly Mara Soares Dornelles  
Mestranda em Letras – UFGD  
kelly\_wara@hotmail.com

Discutir a temática do sujeito no ramo da literatura é indispensável, afinal, a literatura é representativa por refletir esse indivíduo. Sendo assim, o teórico jamaicano Stuart Hall é um dos críticos de cultura mais importantes da Modernidade e discorre sobre as mudanças que ocorreram no sujeito moderno. Nasceu em 3 de fevereiro de 1932 e veio a falecer recentemente em 10 de fevereiro de 2014. A biografia de Stuart Hall já formula questionamentos sobre quem ele se tornaria. Filho de pai negro e mãe que descendia de brancos (escoceses, escravos africanos e judeus), Hall cresce sabendo que aquele lugar ocupado na sociedade não é o que de fato o representa. Isso contribuiu para diversos desentendimentos com seus pais, era visto como rebelde, pois não se encaixava nas exigências de sua autoritária mãe. Esses sentimentos já davam tons no que poderia devir essa experiência.

Estudou em uma renomada escola para garotos ao mesmo tempo em que compartilhava dos ideais revolucionários e de libertação da Jamaica. Em 1951, mediante uma bolsa de estudos, se torna um aluno da universidade de Oxford, onde novamente não se vê como parte daquela cultura que, até então só conhecia – e muito bem- dos livros. Novamente seu olhar de mundo, de respeito pelas diferenças não são entendidas por seus

colegas de classe alta. Stuart Hall se denomina um “deslocado”, como declarou em entrevista ao famoso jornal britânico *The Guardian*: “Não sou inglês e nunca serei. Vivi uma vida de deslocamento parcial” (GLOBO, 2014).

Esse sentimento de não pertencimento *àquele* determinado grupo é o ponto que culmina a difusão de suas ideias. Esse sentimento de não pertencer à Jamaica, de não pertencer à Inglaterra, de não pertencer ao status que diziam que ele pertencia fizeram com que ele se identificasse com as minorias, com os imigrantes, com os sobreviventes do pós-guerra, levando-o a se posicionar politicamente. Seu discurso perpassa os ramos da cultura, da política e da comunicação. Foi um dos fundadores e precursores do Centro de Estudos Culturais, na Inglaterra. Esteve à frente desse movimento no período de 1968 -1979, sendo que nos últimos anos foi diretor da mesma, seus trabalhos enfocavam a cultura e o exame das suas práticas significantes e os seus processos discursivos. Foi professor na conhecida universidade aberta Open University, na Inglaterra.

Stuart Hall teve duas de suas obras traduzidas no Brasil, o ensaio *Da diáspora – Identidades e mediações culturais* (2006) e o livro *A identidade cultural na pós- modernidade* (2003). Sua trajetória é de extrema relevância para se compreender o sujeito pós-moderno. O autor menciona alguns teóricos contemporâneos que estudaram as mudanças do conceito moderno de sujeito e identidade, sua abordagem é *pós Gramsciana*, possui uma visão das pessoas como consumidores e produtores de cultura. Sua própria biografia já espelha essas dificuldades e buscas por respostas, pois sua história é mesclada por atitudes opressoras. Sua ideologia se baseia em leituras tais como T. S. Eliot, James Joyce, Freud, Smith, Marx e Lenin que não devem ser ignoradas.

Selecionamos um capítulo da obra *A identidade cultural na pós- modernidade* (2006) de Stuart Hall. Neste capítulo, “Nascimento e morte do sujeito moderno”, Stuart Hall conta

a trajetória de como o sujeito humano “centrado” tanto no discurso como na prática, e de como ele adquiriu essa definição sociológica de sujeito e como ele se “descentrou”(p.23). Serão tratados conceitos e concepções mutantes do sujeito, onde identidade era pressuposta por discursos do pensamento moderno. O autor adotará como recurso o princípio simplista de que antes as identidades eram unificadas e se tornaram deslocadas a partir do século XXI. Assim, ele esboçará como o conceito de sujeito moderno mudou em três pontos durante a modernidade: “indivíduo soberano, indivíduo social e indivíduo isolado”(p.24), logo, possuem uma história. Ainda diz ser repetitivo dizer que foi na era moderna que surgiu o individualismo, mas, anteriormente, a individualidade tinha outro conceito, pois o indivíduo civil não se dividia. Assim surge a alcunha de “sujeito soberano”(p.25), idealizado por Hall.

As transformações associadas à modernidade libertam o indivíduo das suas tradições e estruturas. Antes, acreditavam que não poderiam mudar, já que eram “divinamente” estabelecidas. Movimentos como o Humanismo Renascentista XVI e o Iluminismo XVIII rompem com o passado e representam o nascimento deste “indivíduo soberano”, dando o passo que faltava para a modernidade. Raymond Williams, um dos pais dos Estudos Culturais observa que a história moderna do sujeito reúne dois significados, a de que o sujeito é indivisível e singular (p.25).

Veremos agora os principais movimentos que contribuíram para esse processo do sujeito individual. O Protestantismo surge para “libertar a consciência religiosa”, agora os fiéis se reportam diretamente a Deus. O Humanismo coloca o homem como “centro do universo”. A Revolução científica capacita o homem para decifrar os mistérios da natureza. O Iluminismo foca no “homem racional”, científico, libertando o homem de dogmas da intolerância religiosa (p.26).

Já na Filosofia, as reflexões que direcionaram essas concepções do sujeito foi a de René Descartes, quem põe Deus como o primeiro a ser movimentado de toda criação, ainda postula duas *substâncias*: a do ser espacial (matéria) e a do ser pensante (mente). Assim, surge a definição do sujeito cartesiano, ou seja, que é capaz de pensar – “*Cogito, ergo sum*” (p.27).

Com o advento do capitalismo este exige uma concepção de indivíduo, tornando-o amarrado as burocracias do estado moderno (p.28). Surge desta forma, a concepção social do sujeito, definida nessas estruturas. Dois eventos contribuíram para formulação de fundamentos e conceitos do indivíduo: a biologia darwiniana, onde o sujeito é biologizado e o surgimento das novas ciências sociais (p.30).

Portanto, as transformações foram desiguais, o indivíduo com suas vontades, como centro na economia e na lei moderna, e o dualismo do pensamento cartesiano institucionalizado entre psicologia e outras disciplinas. A sociologia forneceu uma crítica ao individualismo racional: internalização do exterior e a externalização do interior, constituindo assim, a descrição sociológica do sujeito moderno (p.31).

Destacaremos uma tríade de autores que também contribuíram para essa definição: Goffman fala do “eu” em diferentes situações, Parsons diz que existe um ajuste entre o “eu” e o sistema social, e Descartes fala sobre o dualismo entre “indivíduo e sociedade”.

Com o modernismo surge um quadro perturbador do sujeito, o indivíduo isolado, exilado e alienado (p.32). Ele é um pano de fundo na multidão, um *flaneur* que vagueia pela multidão, como podemos observar nas obras de Baudelaire, reconhecido por pintar a vida moderna. Walter Benjamin chama esse indivíduo turista de vítima anônima. Alguns autores preveem o futuro desse sujeito cartesiano na modernidade tardia, são eles: George Simmel, Alfred Shltz, Siegfried Kracauer (p.33).

O termo moderno surge na Europa no início do século XIX. Já na América Latina, a modernidade chegará apenas no século XX, daí denomina o termo modernidade tardia. Já no final do século XX e início do XXI elas se tornam identidades deslocadas. Se antes tínhamos um pensamento objetivo, de mesmidade, que não se alterava, agora temos um pensamento subjetivo, de ipseidade, que poderá se alterar com o tempo. Com a modernidade tardia há um deslocamento das identidades modernas, ocorrem cinco grandes avanços sociais e das ciências humanas que contribuem para o descentramento do sujeito cartesiano. (p.34)

O primeiro descentramento é ideológico, pautado no pensamento marxista do homem versus condição (p.34). O segundo descentramento é a descoberta do inconsciente pelo pai da psicanálise, Freud, quem diz ser nossa identidade, estruturas e desejos formados com base em processos psíquicos. Dessa maneira, percebemos que Freud contraria a lógica cartesiana do “Penso, logo existo”. Segundo Freud, a subjetividade é produto de processos psíquicos inconscientes. O psicanalista francês Jacques Lacan, usa como exemplo o espelho, dizendo que a autoimagem é aprendida com o outro. Tanto para Freud como para Lacan, a identidade é aprendida ao longo do tempo (p.39).

O terceiro descentramento é linguístico, com base nos estudos do linguista suíço Saussure, a língua é como sistema social (p.40). O quarto descentramento é no campo da filosofia, sendo guiado pelos estudos do filósofo francês Foucault, que fala sobre o poder da disciplina (p.42). E o último, mas não menos importante, ao contrário, o movimento que trouxe diversos impactos e consequências que foi o impacto feminino e todos os movimentos sociais que ele originou (p.45).

Stuart Hall faz um convite ao leitor para conhecer o pensamento moderno e seus deslocamentos ocasionados pela globalização. Essas mudanças na forma de pensar fazem

com que o conceito de sujeito seja desconstruído, descentrado levando-o à crise de identidade. Se antes o sujeito era definido de acordo com sua cultura e de certa forma havia uma padronização, agora, com a modernidade, isso não ocorre mais, pois há uma pluralização de pensares.

Stuart Hall consegue condensar todos esses conceitos e processos numa linguagem clara, e nos mostra como a globalização contribui para que nosso pensamento fosse aberto ao outro. Se antes o pensamento era centrado no nacional, agora, é aberto para aceitar os processos híbridos pelo qual a sociedade passa. Um dos fatores determinantes na eleição dessa obra é o fato dela nos levar a refletir sobre o sujeito como ser social, nos ajudando a modificar nosso olhar sobre a cultura diversa, educa o nosso olhar para o diferente.

## REFERÊNCIA

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. *In: A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. pp 23-46

**Recebido em 06 de abril de 2016**  
**Aceite em 13 de junho de 2016**

### Como citar esta resenha:

DORNELLES, Kelly Mara Soares. Refletindo o sujeito. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p. 456-461. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/resenha/palimpsesto22resenha05.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.